

APRESENTAÇÃO

Tradução em Perspectiva: teoria, prática, crítica e outros discursos

Mirella do Carmo Botaro¹
Joyce Palha Colaça²
Valter Cesar Pinheiro³

O Conselho Editorial da *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura* traz a público o volume 40, número 1, **Tradução em Perspectiva: teoria, prática, crítica e outros discursos**, referente ao período de jul-dez de 2023. A organização deste volume temático desponta como mais uma aresta do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa *Transversal – Tradução literária e outras poéticas translacionais*, iniciado na Universidade Federal de Sergipe, a partir do interesse em comum de pesquisadores dos Estudos da Tradução. Esse campo tem se mostrado cada vez mais diverso e engloba estudos teóricos, análises, historicidade de obras e suas traduções, o processo tradutório em si e até perspectivas sobre a educação linguística a partir da tradução.

Tal diversidade do campo se materializa neste volume temático, de modo que encontramos artigos que dialogam entre si diretamente e outros que se debruçam sobre aspectos diversos, todos igualmente necessários ao desenvolvimento do campo como espaço de disputas e de saberes tradutórios. Estão organizados, na sequência, os onze artigos que compõem este número, dos quais passamos a apresentar um breve resumo.

Parece-nos interessante abrir a Revista com um artigo que é já, por si, resultado da tradução de um texto que trata do próprio ofício do tradutor e de aspectos teóricos do campo. Com esse artigo, damos as boas-vindas às leitoras e aos leitores que se dedicam às questões de tradução como campo científico. Então, iniciando o dossiê, contamos com um texto de **Michel Riaudel**, “Transferência e diferença. Condição do tradutor, condição da tradução”, traduzido por Raquel Peixoto do Amaral Camargo, no qual, tomando como ponto de partida a conhecida noção de

¹ Professora no departamento de Estudos Lusófonos da Université Sorbonne Nouvelle. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9752-668X>. E-mail: botaro.mirella@gmail.com.

² Professora do DLES/UFS. Doutora pela UFF em 2015. Participa dos grupos de pesquisa: DInterLin, Transversal e LED. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4125-5299>. E-mail: joy.palha@gmail.com.

³ Professor Associado do Departamento de Letras Estrangeiras e do PPGL da UFS. Pesquisador do GRUPEBRA/IEA/USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4058-2143>. E-mail: valterpinheiro@yahoo.com.br.



fidelidade, são apresentados dois pressupostos (fábulas) da tradicional fórmula *Traduttore, traditore*: o positivismo redutor que trata a língua como um simples receptáculo e a noção de que a tradução é, necessariamente, pior do que o original. Porém, em um segundo momento, propõe-se um desvio que retira a noção de fidelidade do centro do pacto tradutológico e instala, em seu lugar, a noção de transferência. *Transferir* torna-se então a razão pela qual traduzimos. E, nesse processo, segundo defende o autor, se a noção de identidade é fundadora da tradução, é na diferença que ela se realiza: é nos desvios que ela encontra a sua “condição de existência”.

Partindo do campo da tradução cultural, **Álvaro Silveira Faleiros** nos convida a nos debruçar sobre questões que atravessam uma cosmologia diversa. “Do bem-viver de Ailton Krenak ao porã-poranga de ‘Meu tio, o lauaretê’: cosmopoéticas em tradução” é resultado da tradução no âmbito da mesma língua, mas entre culturas que tratam do sentido de bem-viver. O autor nos apresenta o texto de Ailton Krenak, referente à sua conferência acerca do conceito de bem-viver (*buen vivir* em espanhol ou *sumak kawsay* em quechua), fruto de um convite do Projeto Educar para a Sustentabilidade da Escola. Em sua proposta de tradução do princípio do bem-viver, Krenak mobiliza a ideia de cosmovisão que permite uma leitura outra, realizada através de uma “equivocação controlada” (Viveiros de Castro), dos termos do tupi-guarani *Porã* e *Poranga*, que repercutem na expressão cotidiana guarani *iko porã*, e que se fazem centrais na construção do imaginário do ex-onceiro no conto “Meu tio, o lauaretê”, de Guimarães Rosa.

Além destes dois textos que giram em torno de questões teóricas da tradução, o dossiê apresenta uma série de reflexões e análises práticas do exercício de traduzir. Em “Davi Kopenawa e Ailton Krenak em tradução: oralidade e escrita de autoria indígena entre a França e o Brasil”, mais uma vez ocupam o centro da discussão as questões concernentes aos povos originários. Nesse artigo, **Clarissa Prado Marini** apresenta e compara as histórias das duas obras em que a oralidade, a escrita e a tradução se misturam para fazer ecoar vozes indígenas brasileiras na França e no Brasil. Apesar de os textos indígenas ocuparem um lugar central nos dois artigos, o trabalho tradutório se dá de modo diferente. Marini, em seu estudo, evoca aspectos da tradução entre línguas, visto que, tanto no texto do ativista Ailton Krenak quanto no do xamã Davi Kopenawa, há elementos que atravessam as fronteiras da(s) língua(s) portuguesa(s), da(s) língua(s) francesa(s) e da(s) língua(s) yanomami.



Em “Entre guerras e traduções: literatura brasileira em inglês, a USIA e Alfred A. Knopf”, **Marly D’Amaro Blasques Tooge** discorre sobre as relações políticas e de poder nas quais estiveram envolvidas as traduções de obras brasileiras para o idioma inglês no período da Guerra Fria, e o faz priorizando o trabalho dos tradutores da Alfred Knopf Publishers, em especial de Barbara Shelby, além das restrições de disputas que resultaram na formação de um imaginário brasileiro. A autora salienta questões importantes em *The War Against the Authors* (Guerra contra os autores), que, como o nome já diz, dizem respeito à guerra travada pelo governo estadunidense contra importantes nomes da literatura mundial, ou em *Freedom to Read Statement* (Declaração de Liberdade de Leitura), sobre a resistência de editores e escritores. Tooge destaca também o processo de tradução das obras de Gilberto Freyre, Jorge Amado e Guimarães Rosa, bem como as diferentes contendas entre os agentes envolvidos nas traduções respectivas.

No quinto artigo, “Retraduções de *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, em Português”, **Patrícia Rodrigues Costa** e **Germana Henriques Pereira** apresentam a primeira parte de uma pesquisa relacionada às (re)traduções da obra *Anne of Green Gables* (1908), da escritora canadense Lucy Maud Montgomery no Brasil, e tratam da sua redescoberta por meio de suas (re)traduções para o português. Esse trabalho insere-se nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), por realizar não somente o levantamento histórico das (re)traduções para o português da obra de Montgomery, mas também por compreender o porquê de suas traduções no país, articulando-as com o contexto histórico.

Já **Mirella do Carmo Botaro**, em “Dois romances africanos no Brasil”, traz à baila questões acerca das recentes traduções no Brasil dos romances *Pelourinho* e *Copo Quebrado*, publicados respectivamente em 1995 e 2005 na França, buscando discutir e comparar os possíveis efeitos de leitura desses romances e suas diferentes propostas no Brasil, em um movimento não apenas linguístico, mas propriamente intercultural. A autora se questiona sobre o sentido que as imagens do Brasil e da África assumem na tradução desses dois romances e como as leitoras e os leitores brasileiros podem apreendê-las. Podemos dizer que, com essas questões, Botaro caminha pelos aspectos linguísticos e interculturais entre o Brasil e a África francófona que se materializam nos romances.

Em “Pensar/ Classificar – Georges Perec”, **Aline Leal Fernandes Barbosa** e **Anne Louise Dias** abordam a tradução para o português de uma coletânea de ensaios de Perec publicada postumamente, em 1985. Segundo as autoras, nessa obra o autor demonstra seu interesse em percorrer o univer-



so e sua multiplicidade, examinando seus possíveis laços, sondando e questionando um possível princípio organizador das coisas. A reflexão acerca do gosto pelas classificações e do furor de organização que parece tomar a humanidade desde o começo dos tempos está no centro de “Penser/Classer”, na operação de perturbar as convenções das hierarquias sensíveis e estabelecidas, conferindo aos seres e às coisas uma densidade imprevista que perturba e surpreende.

Assim como no artigo anterior, **Matheus Queiroz Pedro** e **Mirian Ruffini** se apoiam em um nome de autor para organizar seu trabalho. Em sua proposta, os autores de “Abordagens tradutórias: João do Rio e Oscar Mendes traduzindo Oscar Wilde” centram-se no nome de Oscar Wilde e no de dois de seus tradutores para discutir a práxis do fazer tradutório – por meio de um viés descritivo – e averiguam como o repertório, a estilística individual e a influência da estética do tradutor se revelam nas escolhas metodológicas de um tradutor frente ao texto-fonte, considerando o recorte histórico no qual ele e leitoras e leitores da época se encontram. Para tal, como aporte teórico, apresentam as discussões empreendidas por Itamar Even-Zohar (2013), André Lefevere (2007), Lawrence Venuti (2002) e Gideon Toury (2012), trilhando sua análise por excertos da obra *The Decay of Lying* (1891) de Oscar Wilde e suas traduções para o português realizadas por João do Rio (1911) e Oscar Mendes (1961).

Os artigos nono e décimo, “Narrateurs non fiables: de l’écrit à l’écran / Narradores não confiáveis: do papel à tela”, de **Enora Lessinger**, e “Reescrita, Tradução e Legendagem: Cidade Invisível em inglês”, de **Giovana Cordeiro Campos** e **Luiza Calheiros Marinho**, respectivamente, debruçam-se sobre a tradução entre línguas e intersemiótica, um campo que cada vez mais aflora nos estudos tradutodógicos. Enora Lessinger explora a adaptação cinematográfica de três romances britânicos caracterizados pelo que chama de narrador pouco confiável, a fim de determinar em que medida e através de quais ferramentas essa estratégia narrativa é mantida na tradução intersemiótica da passagem da palavra escrita para a tela. O corpus é composto por *Never Let Me Go*, de Kazuo Ishiguro, *The Little Stranger*, de Sarah Waters, e *My Cousin Rachel*, de Daphné du Maurier, bem como por suas respectivas adaptações cinematográficas. Como nos mostra a autora, os resultados indicam que a falta de confiabilidade do narrador é geralmente mantida na tela, mas que as técnicas usadas para encenar a narração não confiável se sobrepõem apenas parcialmente às do texto de origem e são, em geral, específicas do cinema: tiques de linguagem, narração, estrutura narrativa, efeitos visuais, efeitos sonoros e ângulo de câmera.



Ainda sobre a tradução entre linguagens, mas em outra perspectiva, Campos e Marinho abordam aspectos do que definem como reescrita, tradução e legendagem para o inglês da série brasileira *Cidade Invisível*. A partir dos Estudos da Tradução, mais especificamente da Tradução Audiovisual (TAV)/ legendagem em sua relação com conceitos como os de reescrita (Lefevere, 1992), domesticação e estrangeirização (Venuti, 1995, 2002, 2021), as autoras analisam a primeira temporada da produção em tela que estreou em fevereiro de 2021 e foi exibida pela Netflix. Campos e Marinho propõem que a série representa formas de reescrita: primeiro a reescrita fílmica, em que mitos e lendas são transportados da natureza de tempos imemoriais para um centro urbano atual, o Rio de Janeiro de 2021; e segundo a reescrita da série para a língua inglesa, a partir da análise das legendas produzidas. A partir do estudo que desenvolvem, sustentam que o roteiro da série prevê o processo de reescrita para contextos estrangeiros já na sua concepção, bem como destacam que a tradução para legendagem em inglês promove formas de diálogo intercultural.

Finalizando o volume, **Juliana Cunha Menezes** propõe o trabalho com a tradução como ferramenta para o ensino da língua inglesa. Em “A tradução como meio para se ensinar a morfossintaxe, a semântica e o léxico da língua inglesa”, a autora objetiva demonstrar como a tradução pode ser mobilizada para construir conhecimento sobre a morfossintaxe, a semântica e o léxico dessa língua. Segundo a autora, é possível abordar questões importantes referentes a variantes linguísticas do inglês, ao preconceito linguístico, à tradução dos gêneros textuais, a letras de música e a legendas de séries para uma proposta de ensino dessa língua. Em seu artigo, a autora também analisa exemplos práticos que, segundo defende, podem ser utilizados em sala de aula, a partir da diversidade acima mencionada.

Como proposta, este volume buscou reunir artigos que refletem a pluralidade dos estudos tradutórios, apontando para a necessidade de articulação de diversos eixos linguísticos, sócio-históricos e geopolíticos. Como resultado, nos chama a atenção a presença de trabalhos que articulam saberes da tradição oral em tradução, bem como de outros a respeito da tradução intersemiótica, além do destaque dado aos estudos de gênero. Essa diversidade demonstra como os estudos no campo da tradução têm avançado e deixado para trás o eixo Europa Ocidental/Estados Unidos-Brasil, fomentando formas de relação menos colonizadoras, que colocam o Brasil tanto como exportador de coisas-a-traduzir – representadas neste dossiê pela presença dos representantes dos povos originários Ailton Krenak e Davi Kopenawa – quanto como exportador de obras cinematográficas que desafiam a poderosa hegemonia estadunidense.



Mirella do Carmo Botaro
Joyce Palha Colaça
Valter Cesar Pinheiro

Convidamos, portanto, as leitoras e os leitores a percorrerem os caminhos deste volume temático, que aposta nas dimensões entre línguas, culturas, linguagens, gêneros, espaços políticos/geográficos e temáticos dentro do campo dos Estudos da Tradução.

São Cristóvão, Dezembro de 2023.

